



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Reitor

Alex Bolonha Fiiza de Mello

Vice-Reitora

Marlene Medeiros Freitas

Pró-Reitor de Administração

Munilo de Souza Morby

Pró-Reitor de Ensino de Graduação e Administração

Acadêmica

Sônia de Jesus Nunes Bartolo

Pró-Reitor de Extensão

Terezinha Valim Oliver Gonçalves

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

João Farias Guerreiro

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento

Francisco de Assis Matos de Abreu



CONSELHO EDITORIAL

Presidente

Marlene Medeiros Freitas

Membros

Raimundo Neto Nobre Villas

José Edson Ferreira

Ricardo Ishak

João de Jesus Paes Loureiro

Maria das Graças da Silva Pena

Lais Zumero

Diretora da EDUFPA

Lais Zumero

Divisão de Editoração

José dos Anjos Oliveira

Divisão de Distribuição e Intercâmbio

Sergio Lima

PLATÃO DIÁLOGOS



PROTÁGORAS GÓRGIAS - FEDÃO

Tradução direta do grego
Carlos Alberto Nunes

Coordenação
Benedito Nunes

2ª Edição Revisada



Belém - Pará
2002

interesse em verificar, segundo tuas próprias expressões, quanto sou forte em poesia. Ou, se o preferires, cedo-te a palavra.

Depois de ouvir minha proposta, Protágoras respondeu:

– Como quiseres, Sócrates.

Pródico e Hípias insistiram para que eu falasse, no que foram secundados pelos demais.

XXVIII – Então, comecei, vou tentar dizer-vos o que penso dessa poesia. Entre os helenos foi cultivada a filosofia desde tempos imemoriais, e com mais carinho em Creta e na Lacedemônia, sendo nessas regiões mais numerosos os sofistas do que em qualquer outra parte.

b Eles, porém, negam que o sejam e fingem-se ignorantes, para que não se torne manifesto que ultrapassem os demais helenos em sabedoria, justamente como fazem os sofistas a que Protágoras se referiu; só querem parecer superiores na arte dos combates e pela coragem, por acreditarem que, se vier a tornar-se conhecido o segredo dessa superioridade, todo o mundo se aplicará ao estudo de sua sabedoria. Acontece, porém, que, escondendo o que sabem, induzem a erro os imitadores dos lacedemônios nas demais cidades, os quais, por simples macaqueação, se amassam reciprocamente as orelhas, só andam de cestos nas mãos, dedicam-se à ginástica e usam mantos curtos, convencidos de que foi por esses meios que os lacedemônios conseguiram dominar os helenos.

c Quando, porém, os lacedemônios sentem desejos de conversar livremente com os seus sofistas, enfiados de só praticá-los em segredo, promovem a expulsão em massa dos estrangeiros, não só dos laconizantes propriamente ditos, como dos demais peregrinos que por lá se encontram, e praticam com eles a filosofia, sem que os estrangeiros percebam o que se passa. Por isso mesmo, não dão permissão aos jovens para visitar outras cidades, o que também fazem os cretenses, para que não venham

d

a desaprender o que lhes ensinaram. Nessas duas cidades não são apenas os homens que se vangloriam de seus conhecimentos, mas também as mulheres. Para demonstrar-vos que é verdade o que eu disse, sobre serem dados os lacedemônios à filosofia e superiormente educados na arte da eloquência, chamo-vos a atenção para o seguinte: se alguém entabular conversação com o mais rude dos lacedemônios, de início há de julgá-lo inteiramente inepto; porém na primeira oportunidade, desfecha-lhe este uma frase preñhe de significado, concisa e concentrada, no jeito de um perito arqueiro, o que faz parecer criança de pouco préstimo quem com ele conversava. Isso levou alguns modernos a concluírem, como já o haviam feito os antigos, que a educação lacedemônia tem base mais ampla no amor da sabedoria do que no dos exercícios físicos, certos de que a capacidade de enunciar sentenças desse tipo é característica de indivíduos de educação esmerada. Entre esses contam-se Tales, de Mileto; Pitaco, de Mitilene; Biante, de Priene; nosso Solão; Cleóbulo, de Lindos; Misão, de Queneu, e o lacedemônio Quilão, que é tido como o sétimo do grupo. Todos eles foram êmulos, entusiastas e adeptos da educação lacedemônia, sendo fácil a qualquer pessoa certificar-se de que a sabedoria deles era desse tipo, à vista das sentenças concisas e dignas de serem decoradas, atribuídas a cada um em particular.

b Reunidos de comum acordo, ofereceram a Apolo as primícias de sua sabedoria, fazendo gravar no templo de Delfos as máximas celebradas por toda a gente: “Conhece-te a ti mesmo”, e “Nada em excesso”. E por que refiro essa particularidade? Para mostrar a maneira de filosofar dos antigos: a concisão lacônica. Assim, correu mundo o dito de Pitaco, tão elogiado pelos sábios: É difícil ser virtuoso. Simônides, portanto, que aspirava à glória da sabedoria, compreendeu perfeitamente que se conseguisse derrubar esse provérbio, como se o fizesse com um atleta célebre, e o vencesse, alcançaria, de pronto,

c

343 a

grande fama entre seus contemporâneos. Foi, pois, pensando nessa máxima, quero crer, e com o propósito de derrubá-la que ele compôs aquela poesia.

- XXIX - Concentremos as forças, para vermos se estou com a razão. Logo no começo da composição, pareceria contra-senso, querendo dizer Simônides apenas que é difícil tornar-se alguém homem de bem, inserisse aquela observação, “Em verdade”, o que parece ser um acréscimo destituído de fundamento, se não admitirmos que Simônides a lançou como em luta contra a sentença de Pítaco. Havendo Pítaco afirmado que é difícil ser bom, Simônides o refuta com dizer: Não, o que é difícil Pítaco, em verdade, é chegar alguém a ser virtuoso; a expressão “Em verdade” não se refere a virtuoso, como se entre os indivíduos virtuosos alguns o fossem de verdade, e outros fossem, de fato, virtuosos, porém não de verdade, o que viria a ser uma observação simplória e em tudo indigna de Simônides. Devemos admitir que na poesia houve hipérbato da expressão “Em verdade”, concebendo-se o texto de Pítaco como se o próprio Pítaco falasse e Simônides respondesse, dizendo aquele: É difícil, amigos, ser homem virtuoso; ao que o outro objetaria: Não falas com acerto, Pítaco; o difícil não é ser virtuoso, porém chegar alguém a ser virtuoso, quadrado de mãos, e pés, e espírito, e estreme de qualquer mancha; isso, em verdade, é que é difícil. Desse modo, fica justificada a expressão “Em verdade”, passando-se o “Em verdade” para o fim, como de direito. Tudo o mais que se segue vem provar que o sentido exato é esse. Fora possível descer a particularidades na análise do poema, para mostrar como é perfeito em sua composição, pois reúne a graça à precisão no acabamento, porém um estudo tão particularizado exigiria muito tempo. Prefiro, pois, cingir-me à apreciação de sua concepção geral e das intenções do poeta, para mostrar que do princípio ao fim do poema não faz ele outra coisa senão refutar a asserção de Pítaco.

XXX - Logo adiante, depois de ligeiras considerações, à guisa de argumentação, ele diz que em verdade é difícil tornar-se alguém virtuoso, mas que, afinal, isso é possível por algum tempo; porém, uma vez alcançado esse estado, perseverar na mesma disposição e ser permanentemente virtuoso, como afirmaste, Pítaco, é impossível e superior às forças humanas; só Deus tem tal privilégio, pois

*Não pode o homem deixar de ser malvado,
Quando alguma desgraça o sobrepuja.*

- A quem pode sobrepujar uma desgraça no governo de algum barco? Não, evidentemente, ao ignorante, porque este sempre está por baixo. Do mesmo modo que não é possível derrubar quem está deitado, mas pode-se derrubar e forçar a deitar-se quem está de pé, nunca, porém, quem já está por terra: assim, também, poderá alguma calamidade, uma vez ou outra, abater o homem industrioso, porém nunca o carecente de recursos. A irrupção de uma tempestade violenta pode deixar desorientado o piloto, como fará com o lavrador uma estação má, e as mesmas condições com o médico. De fato, pode acontecer que o homem bom se torne ruim, como o testemunha outro poeta, quando diz:

*Tornar-se mau pode o homem bom por vezes,
E vir a ser, depois, digno de enômios.*

- Mas não é possível que o homem mau se torne mau, porque isso ele, necessariamente, é sempre. Assim, quando alguma desgraça desaba sobre o homem industrioso, sábio e bom, ele não pode deixar de tornar-se mau. Sustentas, Pítaco, que é difícil ser virtuoso; em verdade, porém, o que é difícil, ainda que possível, é tornar-se alguém virtuoso; ser virtuoso é que não é possível.

- nós, e que se fosse dotada de voz, nos falaria deste modo: Sois dois tipos bastante curiosos, Sócrates e Protágoras! Tu, que no começo afirmavas que a virtude não pode ser ensinada, apressas-te agora em contradizer-te, empenhando-te em demonstrar que tudo é conhecimento, a justiça, a temperança e a coragem, o que impõe a conclusão de que a virtude pode perfeitamente ser ensinada. Pois se a virtude fosse algo diferente do conhecimento, como Protágoras procurou demonstrar, evidentemente não poderia ser ensinada. Agora, porém, que se revelou como sendo inteiramente conhecimento, em cuja demonstração tanto te empenhas, Sócrates, fora de admirar se ela não pudesse ser ensinada. Por sua vez, Protágoras, que antes admitia poder ser ela ensinada, parece defender agora com afínco a opinião oposta, de poder ser tudo a virtude, menos conhecimento, do que obriga a concluir que ela repele qualquer modalidade de ensino. Quanto a mim, Protágoras, percebendo a terrível confusão a que chegamos, sem que tivesse ficado pedra sobre pedra, tenho grande empenho em esclarecer essas questões e desejaria que, depois de as discutirmos particularmente, voltássemos a considerar a própria virtude, para sabermos o que ela seja, e examinar de novo se pode ou não pode ser ensinada; receio muito que aquele Epimeteu nos tenha preparado algum passa-moleque no decurso de nossas investigações, como já de outra vez se esqueceu de nós, conforme disseste, na distribuição. Naquela fábula agrado-me muito mais de Prometeu do que de Epimeteu. E, porque decidi tomá-lo como modelo e prometer a mim mesmo seguir a vida inteira a sua previsão, é que me dedico a essas indagações; se for do teu agrado, conforme declarei no começo, com muito gosto voltarei a examinar contigo essas questões.
- A isso Protágoras replicou: – Louvo, Sócrates, tua disposição, e a maneira por que conduzes o diálogo, pois sem falar de outros defeitos de que me considero isento,

sou dos homens o menos sujeito à inveja. E porque já tive muitas oportunidades de dizer que, dos homens com que tenho entrado em contacto, és o que eu mais admiro, muito acima dos da tua idade, acrescento agora que não me causa surpresa vires algum dia a incluir-te no número dos homens célebres pela sabedoria. Acerca destas questões, mais para diante, caso queiras, voltaremos a conversar; agora, assunto urgente me reclama.

– Perfeitamente, lhe falei; faremos o que dizes, se te comprazes nisso. Há muito, também eu já deveria ter ido para o encontro a que me referi; só me deixei ficar aqui por amor de Cálías, o belo.

Depois de havermos falado e ouvido tudo isso, separamo-nos.

